



A ARTE URBANA COMO FERRAMENTA DO URBANISMO TÁTICO

A capacitação dos jovens do Bairro Dom Bosco

Clarisse Cavalcante Hermont¹

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Raphael Barbosa Rodrigues de Souza²

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade

RESUMO

Reivindicações de vários grupos demandando reconhecimento social em domínios distintos e se manifestando nas ruas, abrindo espaços de ação e diversificando hábitos. Essas intervenções, encarando tensões sociais de frente, têm promovido mudanças de valores em escalas significativas, como são vistas obras de arte se evidenciando no espaço público como arena de controvérsia política, e não obstáculo a ser evitado a qualquer custo.

O direito à cidade é o direito de construir modos de vida urbana, como uma grande obra humana coletiva em que cada indivíduo e comunidade têm espaço para manifestar suas diferenças. Porém, o processo de construção da cidade está nas mãos de uma pequena minoria, representantes do capitalismo neoliberal, que especulam com o espaço urbano a partir de seus próprios interesses, a fim de criar espaços lucrativos.

As iniciativas se propõem em recuperar espaços subutilizados apresentados neste estudo, revelam-se como maneiras de garantir o direito à cidade na medida em que permitem que diversos atores sociais reinventem usos e espaços. A liberdade de fazer e refazer as cidades é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização.

Palavras-chave: Urbanismo tático, Ensino de crianças e jovens, Arte urbana, Direito a cidade.

¹ Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Endereço: Rua Joaquim Morais, Bairro São Pedro n16 – Juiz de Fora, MG Celular: (32)99810-2909 . E-mail: hermontclarisse@gmail.com .

² Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Orientadora.

1 INTRODUÇÃO

A cidade é um mundo de ruas, edifícios, casas, serviços e sequências infinitas de imagens, onde o cidadão convive diariamente com apelos e solicitações, com uma paisagem artificial criada pelo próprio homem e é neste meio artificial que a imagem se consolida.

Diariamente somos bombardeados por centenas de imagens, desde a arte das publicidades até os grafites e pichações dos muros, do design elaborado à embalagens dos produtos consumidos. O que seria da cidade sem suas cores e formas?

A arte registra ideias e as ideologias de culturas e etnias, sendo assim, ela se torna fundamental para a compreensão da história da humanidade e do mundo. Formas artísticas podem extrapolar a realidade, exagerar coisas aceitas ou simplesmente criar novas formas de se observar a realidade (IMBROISI, MARTINS, 1998, s/p).

A pesquisa e suas intervenções tiveram seu espaço escolhido no bairro Dom Bosco na cidade de Juiz de Fora - Minas Gerais como recorte territorial de análise, pois este apresenta alguns elementos interessantes para o estudo do graffiti como arte urbana e como um bom local para uma intervenção urbanística. Isso ocorre porque naquele bairro se apresentam várias das contradições que são típicas dos grandes espaços urbanos, assim como dilemas gerados pelo crescimento econômico que interferem na dinâmica desta parte da cidade.

O enfoque do trabalho é o desenvolvimento de um projeto de intervenção urbana e social incluindo e incentivando as pessoas a ter acesso a manifestação artística e melhor qualidade de vida em seus trajetos e lugares de permanência pública, pois a rua é onde pessoas de diversas tribos, raças ou religiões, podem viver em comunidade como um.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A maior parte da população mundial vive hoje nas cidades. Ao mesmo tempo, a vida nas cidades contemporâneas se diferencia, em muito, daquela que caracterizou a das cidades clássicas. Nas cidades gregas, por exemplo, o cotidiano era sinônimo de vida pública, participação política, manifestação de opinião, sendo a arte fundamental neste processo. Dessa forma, muitos teóricos discutem sobre o que são as cidades contemporâneas e como se dá o seu desenvolvimento cultural.

Visto disso, vemos que as cidades atuais são um aglomerado urbano que acaba por ser atualmente parte dos processos de individualização mais intensos, em detrimento de formas de vida mais coletivas e cooperativas. Desse modo, há uma ausência de espaços públicos e de locais onde o morador se reconheça e se sinta pertencente à coletividade da qual faz parte e na qual ele possa entrar em contato com o outro, com o desconhecido.

2.1 A ARTE COMO MANIFESTAÇÃO

A arte contemporânea brasileira possui uma origem que relaciona as manifestações estéticas da arte com o mundo da política, por meio de várias produções artísticas que mostram a necessidade do envolvimento político para a ampliação dos sentidos da arte.

A arte nem sempre esteve ligada ao sentido de expressão sentimental, tendo em vista que este significado está efetivamente conectado ao século XIX. Entretanto, por todos os períodos históricos e pré-históricos onde houve manifestações artísticas de qualquer natureza, a arte esteve diretamente relacionada com a expressão do contexto social das comunidades (GOMBRICH, 2000).

Assim, podemos entender a arte, em especial a arte pública, como parte importante dos fluxos de resistência e que, com diferentes maneiras de atuar, produz sentidos e responde aos processos simbólicos da cultura urbana globalizada. Dessa forma, a cidade pode ser uma grande “obra coletiva” produzida por diversas pessoas de diversas culturas, sempre servindo aos interesses da população e não apenas de uma parte elitizada na sociedade. Na cidade pode servir de plataforma de afirmação cultural, fortalecimento comunitário, que cria estruturas simbólicas críticas e reflexivas que emergem da coletividade a partir da ideia de que podemos retomar esse controle e fortalecer a luta pelo direito à cidade.

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e espaço, com outros. E a existência, como a vida, não pode ser conceitualizada porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, ela mesma, um excesso, um transbordamento, porque é nela mesma possibilidade, criação, invenção, acontecimento. (LARROSA, 2016, p. 43).

Reivindicações de vários grupos demandando reconhecimento social em domínios distintos e se manifestando nas ruas, abrindo espaços de ação e diversificando hábitos. Essas intervenções, encarando tensões sociais de frente, têm promovido mudanças de valores em escalas significativas, como são vistas obras de arte se evidenciando no espaço público como arena de controvérsia política, e não obstáculo a ser evitado a qualquer custo.

2.2 DIREITO À CIDADE

O termo “direito à cidade” foi desenvolvido pelo sociólogo francês Henri Lefebvre em seu livro de 1968 *Le droit à la ville*. Ele define o direito à cidade como um direito de não exclusão da sociedade urbana das qualidades e benefícios da vida urbana. Para ele, o direito à cidade vai muito além do direito de usufruir dos bens urbanos. Trata-se de uma forma de participação direta sobre as formas de habitar e viver nas cidades.

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (2001, p. 134).

O direito à cidade é o direito de construir modos de vida urbana, como uma grande obra humana coletiva em que cada indivíduo e comunidade têm espaço para manifestar suas diferenças. Porém, o processo de construção da cidade está nas mãos de uma pequena minoria, representantes do capitalismo neoliberal, que especulam com o espaço urbano a partir de seus próprios interesses, a fim de criar espaços lucrativos.

Nossa tarefa política, sugere Lefebvre, consiste em imaginar e reconstituir o tipo totalmente novo de cidade a partir dos repulsivos carros, de um desenfreado capital globalizante e organizador. Contudo, isso não pode ocorrer sem a criação de um

vigoroso movimento anticapitalista cujo objetivo central seja a transformação da vida urbana do nosso cotidiano. (HARVEY, 2014, p. 20).

A cidade contemporânea, que tem o seu processo de formação fortemente associado à industrialização, não possibilita a efetiva participação dos cidadãos na política. Além disso, vários são os problemas urbanos relacionados principalmente aos transportes, moradia e educação, sobretudo nas cidades dos países subdesenvolvidos, sendo as camadas pobres aquelas que mais vivenciam as desigualdades.

2.3 O ESPAÇO PÚBLICO

Um dos fundamentos do espaço público é o de serem ambientes que permitem a circulação, a qualidade pública, entretanto, é uma condição que não se confunde com essa função prática. O espaço depende de como é concebido, usado e vivido. Assim também, o mesmo depende diretamente de administrações públicas, nem sempre o modo de agir e de viver nesses espaços será necessariamente público. Trazendo assim questionamento de que quantas desses espaços concebidos são apropriados por diferentes grupos, rompendo regras que caracterizam um contrato do tipo público.

A totalidade do espetáculo que tende a integrar a população se manifesta como planejamento das cidades e como rede permanente de informações. É um enquadramento sólido para manter as condições existentes de vida. Nosso primeiro trabalho é dar às pessoas a possibilidade de não se identificarem com o meio ambiente e com as condutas-modelo. (...) Só o despertar das consciências chamará à baila a questão de uma construção consciente do meio urbano. (KOTÁNYI; VANEIGEM, 2003, p.140)

O movimento moderno formulou uma visão crítica dos principais problemas do contexto urbano, desenvolvendo e defendendo a necessidade de pensar o espaço urbano de maneira a atender com qualidade os habitantes e as funções da vida moderna.

2.4 O URBANISMO TÁTICO

Nossa cidade, cada vez mais, necessita de respostas em pequena escala. Pequenas iniciativas, que contemplem a rua e a quadra, têm maior possibilidade de engajamento na sociedade do que intervenções mais amplas na escala urbana ou metropolitana. São ações centradas nas pessoas e com grande potencial de engajamento que chamamos de “táticas”.

O conceito do Urbanismo Tático tem sido construído e disseminado no século XXI como uma abordagem que pretende intervir na cidade contemporânea utilizando ações rápidas e facilmente executáveis para demonstrar a possibilidade de mudanças em larga escala e de longo prazo.

Dentro do tema geral do Urbanismo Tático, destacam-se aqui experiências temporárias que evidenciam possibilidades de transformação do espaço urbano e indicam oportunidades de ativação de espaços a longo prazo.

As iniciativas que se propõem recuperar espaços subutilizados apresentadas nesse estudo revelam-se como maneiras de garantir o direito à cidade na medida em que permitem que diversos atores sociais reinventem usos e espaços. A liberdade de fazer e refazer as cidades é “um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização.

2.5 INSTITUTO AMARGEN

Com o objetivo de ser apoio, amor e esperança para aqueles que carecem, o Projeto Amargen é uma Instituição localizada no Bairro Dom Bosco em Juiz de Fora, Minas Gerais criada em 2012, como uma alternativa de desenvolvimento de capacidades e potencialidades de crianças e adolescentes, para o enfrentamento da vulnerabilidade social propiciando oportunidades diferentes daquelas de seu entorno natural.

Atuando por meio de atividades educativas, culturais e esportivas, como formas de expressão, interação e despertar de dons, incentivando o incremento de habilidades emocionais e comportamentais importantes para o desenvolvimento dos jovens. Inserida na aplicação das práticas educativas, minha metodologia de ensino consiste em passar um pouco do meu conhecimento da arte contemporânea, tendo um enfoque na arte urbana, muralismo e o grafitti. Com o início das oficinas, já foram aplicados estudos do círculo cromático, criação da sua paleta de cores, criação da sua marca “TAGS”, estímulo para a criatividade.

3 METODOLOGIA

A autoconstrução, os assentamentos precários e a negligência do poder público estão presentes na estrutura urbana das cidades brasileiras, no entanto, continuam sendo ignoradas, sendo tratado apenas como um problema quantitativo de déficit de unidades habitacionais. Esse estudo pretende pesquisar o processo de requalificação da comunidade do Dom Bosco, levando em consideração os vínculos familiares e a identidade coletiva da comunidade sob intervenção.

O bairro Dom Bosco, onde é proposto como objeto de estudo e intervenção urbanística desse trabalho, tem 3.262 habitantes (IBGE, 2010), e traz em seu cotidiano uma visão nítida de pobreza, segregação social e racial e ao mesmo tempo o seu entorno vem recebendo ao longo dos anos altos investimentos imobiliários, o que tem ocasionado uma pressão sobre os moradores para a sua remoção e a visando sobretudo uma clara gentrificação.

O projeto dos espaços públicos previstos no estudo, visa a utilização de áreas livres para a implantação de intervenções pontuais, como por exemplo, a melhoria urbanística de escadarias de acessos, espaços remanescentes com locais de estar com bancos, projeto paisagístico, equipamentos para prática de esportes e praças lineares que se apropriem ao espaço. O uso da arte urbana também será um ponto contemplado no projeto se destacando no espaço público da paisagem cinzenta, bem como a adoção de bons padrões técnicos quanto a especificação de projeto e a adequação da iluminação pública da região.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As iniciativas se propõem em recuperar espaços subutilizados apresentados neste estudo, revelam-se como maneiras de garantir o direito à cidade na medida em que permitem que diversos atores sociais reinventem usos e espaços. A liberdade de fazer e refazer as cidades é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização.

Todo o projeto visa a participação direta com os moradores da comunidade, tendo em vista que as intervenções criam uma oportunidade de construir uma ponte de compreensão por meio da arte e das intervenções previstas. O projeto daria à população da favela a oportunidade de remodelar seu ambiente de vida com arte colorida e, ao mesmo tempo, melhorar as casas. Empregos seriam criados e a economia local estimulada, através da laboração com a comunidade residente. Presentes ongs são acessíveis e sempre dispostos a ajudar no bairro, podendo ter sua contribuição nas intervenções previstas. Projetos envolvendo os grupos Amargem e Atos Colaborativos são recorrentes na região e desenvolvem contribuições voluntárias para a comunidade do Dom Bosco.

As manifestações artísticas inseridas no projeto têm como principal objetivo apresentar a cidade as características humanas, subjetivas e individuais, dos moradores do bairro por meio do ponto de vista de seus artistas que, com seus estilos diversos, podem transmitir as emoções e histórias que a região conta, criando momentos de identificação com a quem contempla a arte urbana inserido no seu contexto diário. Toda manifestação artística urbana tem um papel de grande importância na sociedade. A arte urbana é excelente como uma forma de manter a cidade mais viva e bela e através de grafittis inseridos nas ruas do bairro, e intervenções artísticas pontuais será criado um veículo de informação e identificação com o espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções artísticas e urbanísticas são respostas particulares a estímulos, sendo, portanto, sempre um ponto de vista muito singular que é colocado de forma pública e que também se amplia em termos de significados e leituras, ganhando sentidos novos com o tempo e o espaço.

Os estudos envolvendo arquitetura, urbanismo e a arte se relacionam, sobretudo à medida que se compreende que obras artísticas evocam não só o imaginário de cada artista, mas também sua percepção sobre o contexto social. Ela também se apresenta como forma de protesto, documentação da realidade e propagação de informação entre diversas camadas sociais. Em que, aplicado em uma região como o bairro Dom Bosco, que traz em seu cotidiano uma nítida segregação social e gentrificação através de investimentos imobiliários que dominam o entorno, pode criar ambientes mais positivos, seguros e adequados para os moradores e visitantes do mesmo, gerando a sensação de pertencimento ao lugar.

ABSTRACT, RÉSUMÉ ou RESUMEN

Claims from various groups demanding social recognition in different domains and manifesting themselves on the streets, opening spaces for action and diversifying habits. These interventions, facing social tensions head-on, have promoted changes in values on significant scales, as works of art are seen appearing in public space as an arena of political controversy, and not an obstacle to be avoided at any cost. The right to the city is the right to build urban ways of life, as a great collective human work in which each individual and community have space to express their differences. However, the city construction process is in the hands of a small minority, representatives of neoliberal capitalism, who speculate with the urban space based on their own interests, in order to create profitable spaces. The initiatives propose to recover underutilized spaces presented in this study, revealing themselves as ways to guarantee the right to the city as they allow different social actors to reinvent uses and spaces. The freedom to make and remake cities is a collective rather than an individual right, since reinventing the city inevitably depends on the exercise of collective power over the urbanization process.

Keywords: Tactical urbanism, Teaching children and young people, Urban art, City rights.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MACEDO, S.S & SAKATA ,F.G. Parques Urbanos no Brasil.São Paulo: EDUSP, 2003.

PAES, Brígida Moura C. Arte para uma cidade sensível. Tese USP, São Paulo, 2018.

ROSSI, Aldo.(1978) A arquitetura da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

DOURADO,G. Visões de Paisagem: Um Panorama do Paisagismo Contemporâneo no Brasil. São Paulo:ABAP,1997.

CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação B. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, João Sette Whitaker (coord.). Produzir casas ou construir cidades? São Paulo: FUPAM, 2013.

URBANISMO TÁTICO - GUIA PARA CIDADES BRASILEIRAS. ADRIANA SANSÃO.

MORTE E VIDA DE GRANDES CIDADES. JANE JACOBS.

PAES, Brígida Moura C. Arte para uma cidade sensível. Tese USP, São Paulo, 2018.